

MUSEU NACIONAL DA CULTURA BRASILEIRA

National Museum of Brazilian Culture

O Museu Nacional da Cultura Brasileira foi projetado como parte da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Arquitetura e Urbanismo do ISECENSA, apresentado em dezembro de 2017. Proposto para ser um polo nacional da cultura do Brasil, o Museu tem por objetivo promover o conhecimento e a reflexão sobre a cultura brasileira a partir de sua história, numa perspectiva que privilegie a preservação, comunicação e expressão do patrimônio cultural, material e imaterial, das diversas influências culturais que o Brasil teve ao longo de sua formação cultural e social. Este texto objetiva, além de descrever o produto final desta proposta, demonstrar o complexo processo de desenvolvimento conceitual do projeto de Arquitetura de uma instituição museal a ser instalada na Zona Portuária do Rio de Janeiro, RJ.

Mateus Nunes Fragoso^{1*}

Alber Neto²

Eduardo Barros²

(1) Arquiteto e Urbanista formado no Curso de Arquitetura e Urbanismo do ISECENSA

(2) Docente do ISECENSA

* mateusnf4@gmail.com

Introdução

A cultura é um conceito amplo. Todavia, quando se trata de um povo, a cultura é sua identidade, é um aglomerado de fatores históricos como sua linguagem, crenças, hábitos, artes e influências que ao longo de séculos moldou uma sociedade, sendo o Brasil uma das mais plurais do mundo.

Ao longo de sua colonização o território brasileiro foi pano de fundo para a fusão de culturas indígenas, europeias e africanas. É desse período que se dá início a formação Cultural Brasileira que, mais tarde, receberia ainda influências árabes, asiáticas e de outros países da Europa além de Portugal. Países como a França, Inglaterra, Japão, e

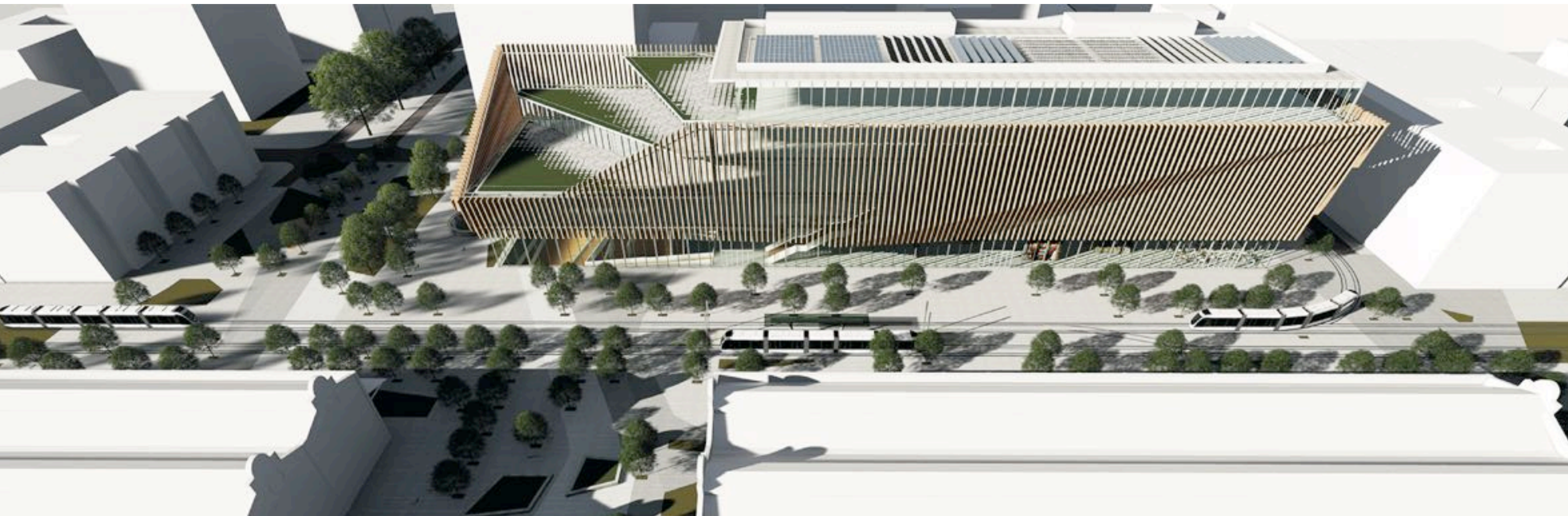
até mesmo os Estados Unidos, que também deixaram suas marcas na formação brasileira ao exportar hábitos e produtos para o país. Trata-se da construção de uma sociedade altamente miscigenada.

Um museu é um equipamento fundamental para a cultura, a educação e a organização social, além de ser um instrumento chave para o crescimento do setor turístico. Pensando nisso o Museu Nacional da Cultura Brasileira (MNCB) foi projetado como parte do trabalho de conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo do ISECENSA, de forma a contar e celebrar a formação dessa cultura, de uma influência de povos que, direta ou indiretamente, transmitiram suas

características culturais e formaram o que hoje é o Brasil: um conglomerado de povos, culturas, crenças, cores e movimentos.

Público

O diálogo entre a área de turismo e museus consolida essas instituições como espaços de lazer e aprendizado, diversifica os roteiros turísticos e, principalmente, é um dos caminhos para suprimir as barreiras que dificultam o acesso aos equipamentos culturais, o que significa preocupar-se não só com o público frequentador, mas com as pessoas que não chegam às instituições (IBRAM, 2014).





O MNCB será uma instituição aberta a todos, onde qualquer pessoa é bem-vinda para participar, colaborar e aprender mais sobre a história e a cultura brasileira. Nas palavras de Lonnie G. Bunch III, diretor do Museu Nacional de História e Cultura Afro-americana: "há poucas coisas tão poderosas e tão importantes como um povo, como uma nação que está mergulhada em sua história".

O público do MNCB é diverso, sendo dividido entre público fixo e flutuante; o primeiro trata-se dos funcionários do Museu e como este abrange várias atividades, diversos profissionais terão oportunidade de trabalho, como: faxineiros, mecânicos, cozinheiros, garçons, guias, historiadores, bibliotecários, professores, museólogos, técnicos e administradores em geral; o segundo público são os visitantes, estes, de caráter mais heterogêneo, podem ser quaisquer pessoa, como: turistas, moradores locais, pesquisadores, transeuntes etc.

Sem deixar de levar em consideração que a educação é peça-chave na formação de públicos. A produção cultural é formada por códigos que nem sempre são conhecidos a todos, por isso, além da oferta cultural, é necessário que se invista na educação que permitam uma relação mais íntima as diferentes linguagens estéticas e formas de compreender o mundo.

Desenvolvimento

A criação de um novo museu é sempre um evento extraordinário. A importância dos centros culturais para as

cidades e seus habitantes é evidente – faz-se pensar, é claro, nos bons exemplos. O papel que desempenham nas cidades contemporâneas é fundamental, não só por promover os eventos ligados à arte e à cultura, mas sobretudo por trazer interesse e vitalidade aos espaços urbanos.

É neste contexto que surge o MNCB. O Museu nasce da Brasilidade, e para isso não haveria lugar melhor que o Rio de Janeiro, que abriga em sua Zona Portuária um dos principais corredores culturais do país.

O percurso preliminar que conduziu ao MNCB envolveu, em um primeiro momento, a caracterização da relevância dos museus dentro da sociedade, seu papel, áreas de atuação e tipologias; em seguida foi definido o estilo de museu que seria adotado, isto é, não em termos de arquitetura, mas de instituição, uma vez que isso nortearia por completo a elaboração do projeto.

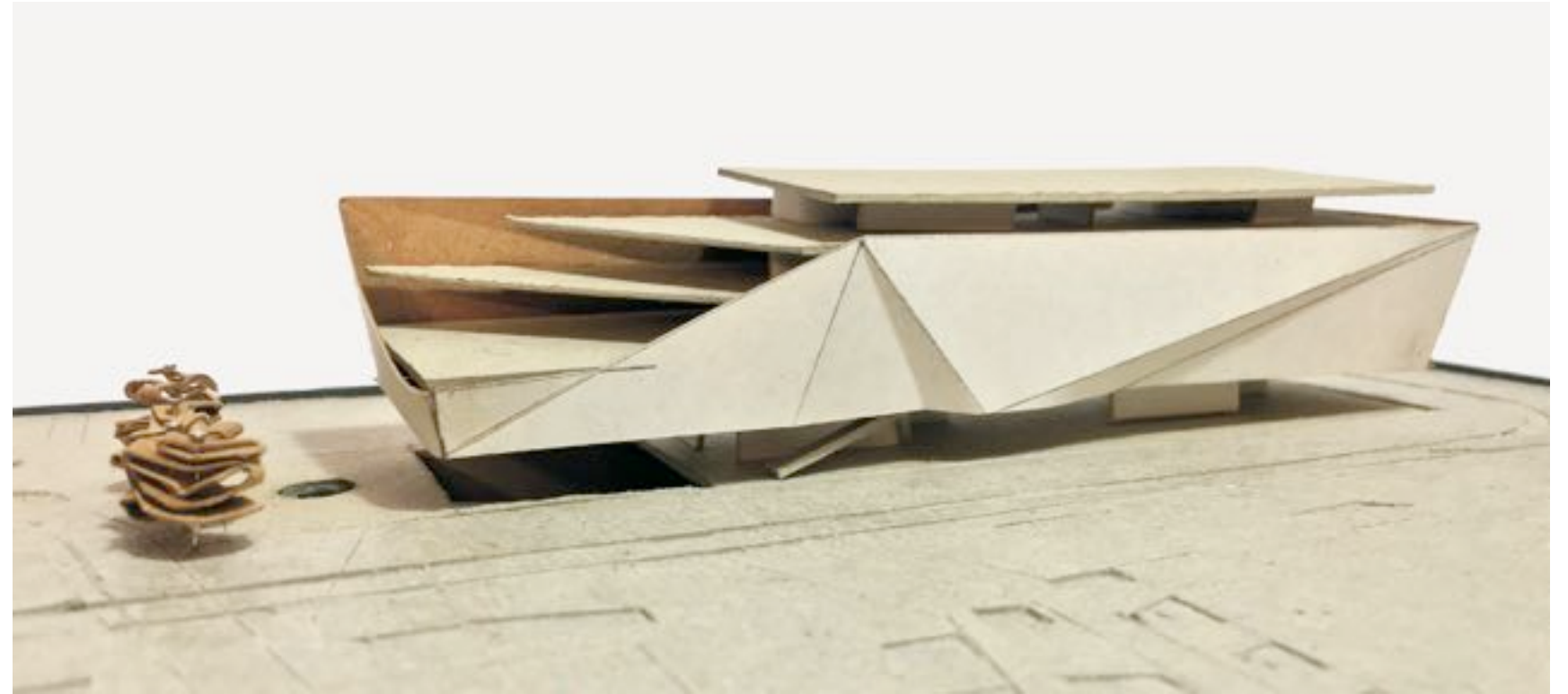
Nesse sentido, imaginou-se um museu acessível, ancorado no presente, que tenha uma relação franca e direta com a cidade e que, ao mesmo tempo, ofereça um ambiente interno tranquilo e acolhedor; um museu capaz de equilibrar a vibração das calçadas com a natureza e a escala dos espaços museológicos, que exigem uma qualidade de luz e uma percepção do tempo muito particulares; um museu, enfim, de caráter marcante, que proporcione uma experiência única e pessoal para quem o visita.

Para que o edifício proposto reunisse essas qualidades, foi necessário a interpretação de dois parâmetros fundamentais

para a concepção do projeto: o programa e o contexto urbano. O que interessava aqui, para além dos complexos requisitos funcionais que se apresentavam, era determinar as articulações e as qualidades desejadas para os espaços internos do Museu assim como definir que tipo de relação que se pretendia estabelecer entre o novo edifício e a cidade.

Posteriormente, partindo da Metodologia Laila, deu-se início ao desenvolvimento do projeto. A Metodologia Laila, concebida pelo Professor Alber Neto, orientador deste trabalho (junto ao Professor Eduardo Barros), é composta por cinco etapas que, em suma, podem ser descritas: a etapa 1 é onde define-se o problema de projeto e suas variáveis; a etapa 2 é onde realizam-se estudos específicos a fim de prospectar maneiras de resolver as variáveis do problema; a etapa 3 é quando formata-se uma descrição detalhada da solução proposta, assim como apresenta-se prazos, custos e etc. – para tal, formata-se um *briefing*/ programa de projeto; a etapa 4 é a etapa onde, depois da aprovação do *briefing*, desenvolve-se efetivamente a solução propostas para o problema de projeto; a etapa 5 marca a entrega da solução desenvolvida e aponta para o gerenciamento da execução da mesma – ou seja, encerra-se o projeto criativo e inicia-se o projeto executivo (NETO *et al*, 2015).

Após esse percurso, foi feita uma seleção de leis e normas que implicariam na elaboração do projeto, tanto as condicionantes específicas para construção na área escolhida, como as normas referentes a criação de um museu, publicadas pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), e que foram levadas em consideração durante o



O estudo da volumetria partiu de um exercício com argila, onde diversos modelos foram feitos, de formas e tipologias variadas.

Até que um modelo específico começou a se repetir, algo que por vezes se assemelhava a uma embarcação.

Destes estudos foi confeccionada uma maquete em papel, que basicamente definiu a volumetria e estética final do projeto, assim como também a comunicação entre os andares.

Todas as imagens e fotos deste artigo são de autoria de Mateus Nunes Fragoso.



processo de projeto de arquitetura e, também, para a criação de uma museografia expositiva básica.

De forma a embasar a elaboração do projeto, fez-se necessário estudos de caso de museus ao redor do mundo, assim como na própria cidade em que o projeto em questão seria implantado. Para isso, o Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, foi escolhido para a realização de uma visita técnica que, de certa forma, mostraria os *bastidores* de uma instituição do gênero. A visita, que abrangeu setores de reserva técnica, laboratórios de restauro, espaços de trabalho entre demais instalações, foi guiada pela responsável pelo Departamento de Acervo Adriana Bandeira Cordeiro, que explicou detalhes do dia a dia do MHN.

A partir destes estudos de caso fez-se uma análise do programa para elaboração de uma quantificação das áreas necessárias e um agrupamento dos espaços de acordo com a sua natureza, criando um gradiente que vai do mais aberto e permeável até o mais restrito e controlado. Este diagrama representa a intenção de reforçar as conexões e continuidades entre os programas abertos ao público e preservar a privacidade e o controle dos programas administrativos e de serviço. Como consequência deste processo, distribuí-se circulações separadas para o público, para as áreas administrativas e para carga e serviços.

A partir desta análise conclui-se também que os espaços devem ser generosos, em especial nas áreas expositivas, dado o papel de protagonista que terão dentro do esquema do novo Museu. Devem ser também flexíveis e ter o ambiente

controlado, com as condições ideais para acomodar o acervo e as mais diferentes modalidades de exposição.

Desta forma, uma vez tendo um partido definido, é hora de começar a desenvolver o projeto em si, e aqui isso significa desenhar, modelar e maquetear. Nesse estágio inicial foi importante a laboração de croquis e maquetes, pois, a partir deles, o projeto nasceu, é o primeiro estágio, como se fosse o embrião da proposta, não se fizeram necessários muitos detalhes de início, apenas um conceito que ajudasse a entender aspectos relativos ao projeto.

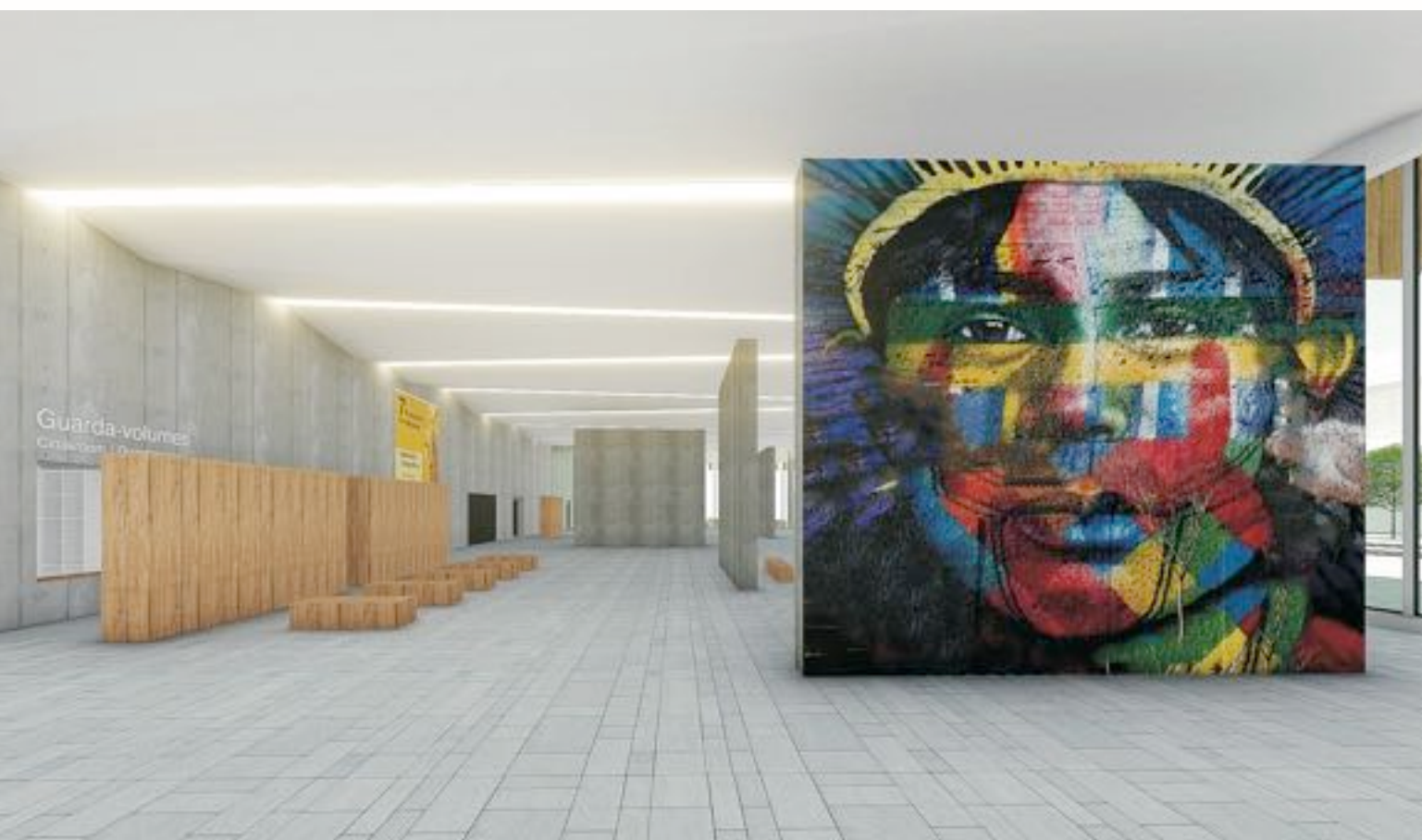
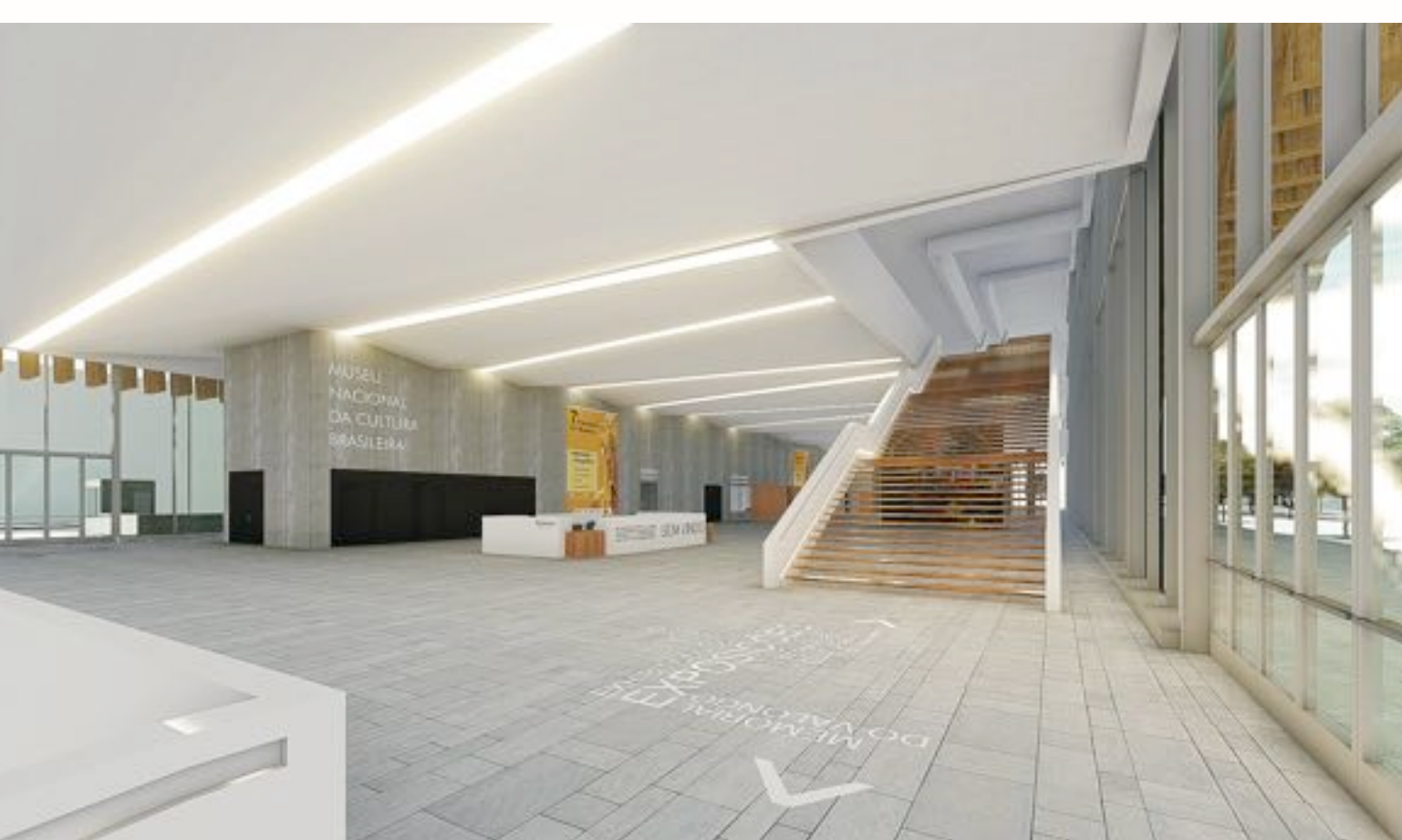
O estudo da volumetria partiu, primeiramente, de um exercício com argila durante a disciplina de Estudo da Cor e da Forma, no primeiro semestre de 2017, a partir dali diversos modelos foram feitos, de formas e tipologias variadas. Até que um modelo específico começou a se repetir, algo que por vezes lembrava um navio ou uma embarcação. Curiosamente isso não foi pensado de início, mas acabou formando a proposta final da volumetria, pois, seria um “navio da cultura” ancorado na Zona Portuária do Rio.

A partir destes estudos em argila foi confeccionada uma maquete em papel, que basicamente definiu a volumetria e estética final do projeto. Maquetes físicas são extremamente úteis por te permitirem ter um contato direto com o material que está trabalhando, nesse caso ela ajudou também a definir o programa interno, como os andares se comunicariam entre si, a setorização dos espaços e como o prédio se encaixaria no entorno.

O programa que compõe um museu costuma ser demasiadamente variado e, neste caso, não é diferente. Diversos setores dentro do projeto deveriam funcionar de forma independente do conjunto, e para isso estudos de caso específicos se fizeram necessários, como para o restaurante que fica na cobertura, por exemplo, ou o Centro Educacional, que possui um setor administrativo completamente separado da administração do Museu.

Para isso, com o objetivo de criar um grupo significativo de programa, as salas de aula, o espaço multimídia, workshop e arquivo cultural e a biblioteca foram reunidos num corpo único e integrado, formando o Centro Educacional do MNCB. Este conjunto cria um contraponto importante para as salas de exposição, capaz de equilibrar as atenções dentro do Museu. Assim, parte da biblioteca pode funcionar como espaço de convívio para quem frequenta as salas de aula, assim como estas, quando integradas, transformam-se num pequeno auditório suspenso com vistas para a Baía de Guanabara.

As orientações de sustentabilidade pautam o projeto do MNCB, pois são de extrema importância para a preservação do meio ambiente e uso racional e consciente dos recursos naturais. Além disto, traz vantagens a seus usuários e mantenedores como, por exemplo, redução de custos mensais. Estudos de caso específicos se fizeram necessários para suprir essa demanda, de forma que foi acrescentado ao projeto uma estação de tratamento de águas cinzas, reservatórios de água de reuso utilizadas para irrigação dos



terraços, e uma pequena usina solar com mais de 600 placas fotovoltaicas na cobertura do edifício.

Foi fundamental também aproximar as várias formas de expressão e de mídia, num espaço mais fluído e contínuo, sem que se perdessem as necessárias contenções para o bom funcionamento de cada um dos espaços.

De forma a seguir esta ideia, foi realizada uma pesquisa direcionada que foi restrita a funcionários de museus da cidade do Rio, primeiramente os funcionários do Museu Histórico Nacional, depois do Museu de Arte do Rio e do Museu Nacional da UFRJ, responderam um questionário que ajudou a moldar como o MNCB se expressaria e onde ele seria focado e como se comunicaria melhor com o público. Isso resultou numa museografia básica que acabou por definir aspectos funcionais do projeto.

Lugar

Após receber grandes eventos como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, a cidade do Rio de Janeiro se fixou definitivamente na rota de turismo mundial. Além disso, por ser uma das capitais mais culturalmente vivas e ser um centro de diversidade, não haveria cenário melhor para abrigar o Museu Nacional da Cultura Brasileira.

O MNCB será implantado no coração do Porto Maravilha, no Centro do Rio de Janeiro, região de um passado rico, intenso, vivo, mas que acabou obliterada pela construção do Elevado da Perimetral na década de 1960. Recentemente requalificada como principal Corredor Cultural da capital a

zona portuária abrange uma área de 5 milhões de metros quadrados, o Porto Maravilha está fazendo uma completa reestruturação da antiga zona portuária, modificando a lógica de crescimento urbano do Rio de Janeiro.

Ajustando o foco para o entorno próximo do novo Museu, identificou-se algumas singularidades daquele pedaço do porto. O MNCB não só será beneficiado por estar localizado às margens da Baía de Guanabara e em uma região de relevância histórica, tanto do ponto vista urbanístico quanto social, com toda a infraestrutura que a requalificação do porto levou para a área, como o VLT (Veículo Leve sobre Trilhos), o bondinho elétrico que liga os principais modais de transporte da cidade e que já caiu no gosto dos cariocas. Assim, o MNCB acaba por completar o principal Corredor Cultural da cidade com seus vizinhos: Museu de Arte do Rio; Museu do Amanhã; Museu Histórico Nacional; AquaRio; Instituto Pretos Novos; Centro Cultural José Bonifácio; O Centro Cultural Banco do Brasil, a Casa França Brasil e o futuro Museu Marítimo.

O lote, com 52 x 175 metros é plano e cercado por prédios que estão sendo, ou já foram requalificados, como os antigos armazéns do porto, que já são usados para eventos culturais há alguns anos. Uma localização realmente extraordinária, por ser um local vivo atualmente e em crescente transformação. Quando dentro do lote, no nível da calçada, percebe-se que o espaço oferece diversas aberturas e conexões com o entorno, o que justifica a escolha de uso dada ao pavimento térreo do Museu: uma extensão coberta do Boulevard Olímpico.

Partido

A Orla Prefeito Luiz Paulo Conde, ou Boulevard Olímpico como é popularmente conhecida, é hoje um dos centros turísticos mais ativos do Rio de Janeiro, a diversidade de pessoas, culturas e idiomas encontradas por aquela região é cativante, como se a Orla tivesse passado a ter vida própria, de tal forma que as perguntas feitas no início desta análise se colocam novamente: qual é a relação que se quer estabelecer entre o MNCB e a cidade e de que maneira esta decisão repercute na articulação dos espaços internos do Museu?

A solução encontrada foi transformar o térreo em uma extensão coberta do Boulevard, de modo que seja convidativo e acabe por virar mais um local de convívio e troca de ideias da cidade. Receptivo e de uso diversificado, o térreo se integra com as galerias do subsolo, cria uma nova possibilidade de articulação dos espaços internos do MNCB, e ainda funciona como uma plataforma de distribuição das diversas circulações que alimentam o edifício.

Concebido como um grande *hall* urbano, o térreo se converte em extensão do Boulevard, conduzindo o visitante através das escadas, rampas e de elevadores até o coração do MNCB. A visita começa pelo subsolo, o visitante tem acesso direto as galerias históricas, que funcionam como uma linha do tempo introdutória e mostra acontecimentos que influenciaram a formação da Cultura Brasileira. Seguindo, chega-se ao Memorial do Valongo, um espaço contemplativo com um espelho e uma queda d'água continua simbolizando as vidas perdidas pela escravidão.

Ainda no subsolo fica o teatro, sendo um dos espaços mais significativos do MNCB, levará o nome de Teatro Tia Ciata, considerada por muitos a mãe do samba carioca.

Durante o processo de projeto é válido também ir e voltar para etapas ou ideias anteriores, de forma a pescar novas soluções, inspirações e anotações que possam vir a agregar valor ao partido. Foi o que aconteceu com a ideia de inverter o fluxo de visitação do Museu, gerando uma proposta final diferente do conceito inicial, mas que não foge dele ao todo (NETO *et al*, 2015).

Assim, transferir o fluxo do edifício de seu usual comum acabou gerando resultados que vão além dos aspectos meramente funcionais. Trata-se de ajustar os percursos e os deslocamentos para a escala e o tempo que são os mais pertinentes para o MNCB. A partir do subsolo, a percepção que o visitante tem dos espaços de programa é clara e direta. O térreo em si foi transformado em praça de convívio e de distribuição, que conta ainda com o café e a loja; imediatamente acima do térreo estão os espaços expositivos de curta duração, protegidos num volume fechado; e ao lado estão os programas do Centro Educacional, que funcionam como um grande espaço de encontro dedicado ao cinema, à música, à literatura e, de maneira mais geral, à pesquisa e à produção de conhecimento.

Partindo do subsolo o visitante faz uma visita ao contrário, vai direto para o 3º pavimento onde a exposição imersiva de longa duração começa, neste andar o visitante pode viajar por todo o país e observar as diferenças e a riqueza cultural

brasileira. O circuito de longa duração segue para o 2º pavimento, onde termina com a celebração dos povos formadores da nação brasileira. Ao final de cada galeria expositiva, o visitante pode ainda aproveitar vistas da Baía de Guanabara nos terraços abertos, ou aproveitar para descansar sobre a grama.

A administração está localizada no topo do edifício, para preservar sua autonomia. Por outro lado, um canal de circulação exclusivo conecta seus espaços com os outros níveis do edifício, desde o local recebimento de materiais até as exposições. No outro extremo do 4º pavimento, está o restaurante do MNCB, que propõem uma grande variedade gastronômica de forma a espelhar cada região do país.

Os espaços de guarda do acervo, tal como as oficinas técnicas estão no subsolo. Estrategicamente localizado junto aos canais de carga e descarga, este espaço tem a função de acolher as obras – antes e depois das montagens – e de prepará-las para as exposições e para o transporte. O subsolo, por sua vez, é acessado na rua posterior ao Boulevard Olímpico, tendo seu acesso controlado e limitado a carga e descarga de materiais.

Edifício

A espacialidade do MNCB acabou por ser dada sobretudo a partir de sua volumetria, esta, por sua vez partiu do local de implantação do mesmo: a Zona Portuária. O edifício tem sua forma inspirada nos navios tão presentes na região, desde seu esqueleto que remete a decks de uma embarcação, ao

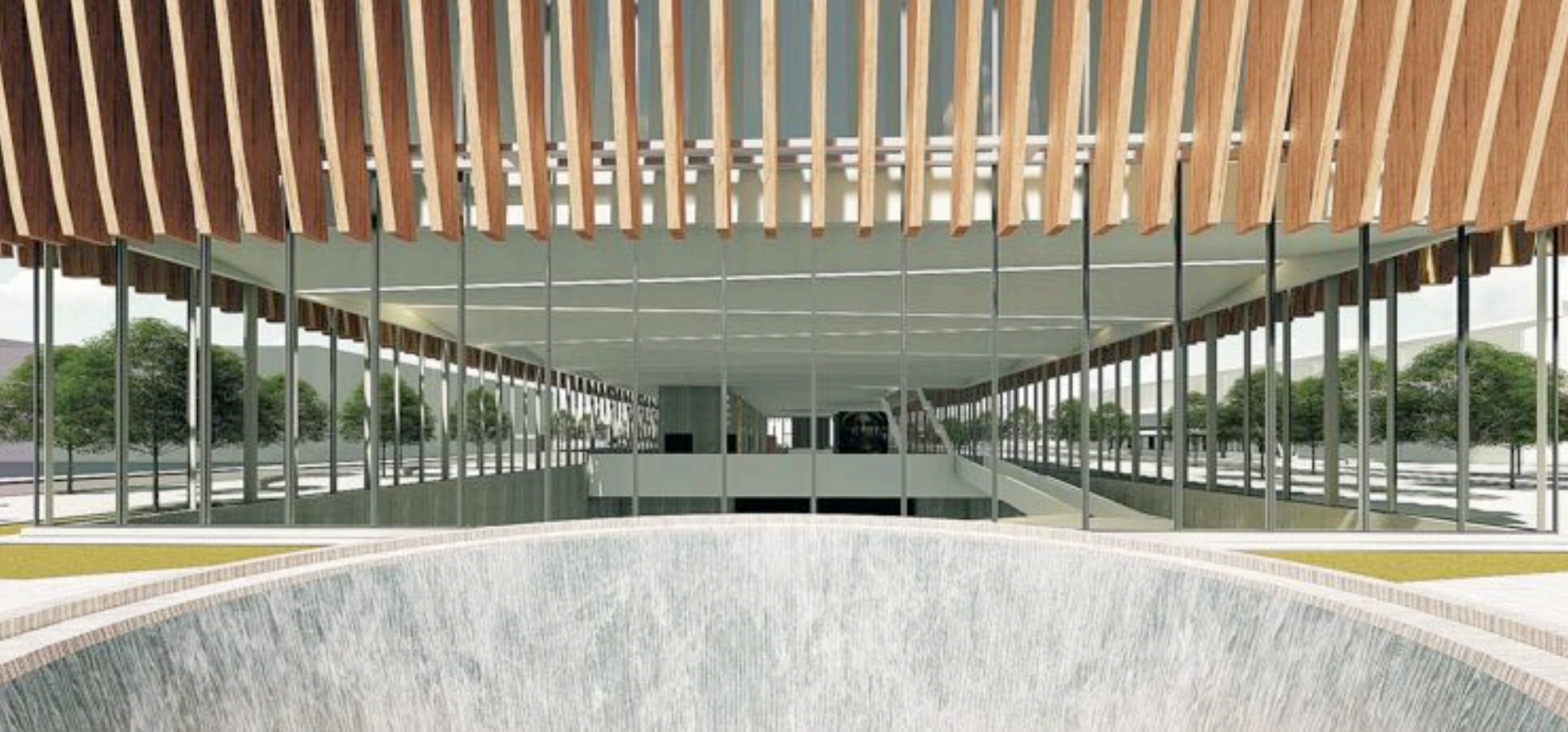
formato da pele externa em madeira, que acaba por proteger a fachada.

A materialidade da fachada – feita com um vidro translúcido autoportante – confere uma qualidade de luz que corresponde exatamente ao que se pretendia desde o início do projeto, quando se imaginava o interior do MNCB como uma calmaria – um espaço tranquilo e acolhedor. Da mesma maneira, a luz que toma conta desses espaços carrega com ela o rastro da cidade, trazendo para o interior do Museu a memória e a vida cotidiana do mundo que está a sua volta.

A escolha de alguns materiais reforça este desejo de construir relações significativas com a cidade, de como o edifício se faz presente dentro dela. O uso do vidro translúcido como segunda pele faz com que o MNCB seja percebido como um volume bem definido, íntegro, com a força necessária para estabelecer o seu lugar em meio aos vizinhos.

Por outro lado, as suas propriedades de luz e sombra geradas pela pele externa, quase um *muxarabi*, criam para o edifício um segundo registro, que é mutável em função da natureza do ambiente e da posição do observador. Como resultado, o interior do MNCB se manifesta sutilmente no espaço urbano, tal como uma vitrine do que ocorre no interior da edificação.

A pele externa em madeira de Haya (*Fagus sylvatica*) molda a volumetria de embarcação do edifício, mas possui um significado oculto além disso, uma vez que é formada por



centenas de régua, cada uma em um formato único e que, juntas, formam a volumetria do Museu Nacional da Cultura Brasileira, tal como se cada uma das régua fosse um dos elementos que ajudou a moldar a cultura brasileira e, quando unidas, formam a pluralidade da cultura do Brasil.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS (IBRAM). **Museus e Turismo**. Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2014. Disponível em: <<http://www.museus.gov.br/>>. Acesso em: 28 abr. 2017.

NETO, Alber *et al.* Quadro 5W2H: uma ferramenta para a definição do problema de projeto e de suas variáveis. **Revista Perspectivas Online**. Campos dos Goytacazes, v.6, n.16, p.23-30, maio-ago. 2016. Disponível em: <seer.perspectivasonline.com.br>. Acesso em: 10 abr. 2018.

